

Orelha

## MOCIDADE E MORTE

Alexandre Herculano

Solevantado o corpo, os olhos fitos,  
As magras mãos cruzadas sobre o peito,  
Vede-o, tão moço, velador de angústias,  
Pela alta noite em solitário leito.

Por essas faces pálidas, cavadas,  
Olhai, em fio as lágrimas deslizam;  
E com o pulso, que apressado bate,  
Do coração os estos harmonizam.

È que nas veias lhe circula a febre:  
É que a fronte lhe alaga o suor frio;  
É que lá dentro à dor, que o vai roendo,  
Responde horrível íntimo ciclo.

Encostando na mão o rosto aceso,  
Fitou os olhos húmidos de pranto  
Na lâmpada mortal ali pendente,  
E lá consigo modulou um canto.

É um hino de amor e de esperança?  
É oração de angústia e de saudade?  
Resignado na dor, saúda a morte,  
Ou vibra aos céus blasfémia d'impiedade?

É isso tudo, tumultuando incerto  
No delírio febril daquela mente,  
Que, balouçada à borda do sepulcro,  
Volve após si a vista longamente.

É a poesia a murmurar-lhe na alma  
Última nota de quebrada lira;  
É o gemido do tombar do cedro;  
É triste adeus do trovador que expira.

### DESESPERANÇA

Meia-noite bateu, volvendo ao nada  
Um dia mais, e caminhando eu sigo!  
Vejo-te bem, ó campa misteriosa...  
Eu vou, eu vou! Breve serei contigo!

Qual tufão, que ao passar agita o pego,  
Meu plácido existir turvou a sorte:  
Hálito impuro de pulmões ralados  
Me diz que neles se assentou a morte:

Enquanto mil e mil no largo mundo

Dormem em paz sorrindo, eu velo e penso,  
E julgo ouvir as preces por finados,  
E ver a tumba e o fumegar do incenso.

Se dormito um momento, acordo em sustos;  
Pulos me dá o coração no peito,  
E abraço e beijo de uma vida extinta  
O último sócio, o doloroso leito.

De um abismo insondado às agras bordas  
Insanável doença me há guiado,  
E disse-me: «No fundo o esquecimento:  
Desce; mas desce com andar pausado.»

E eu lento vou descendo, e sondo as trevas:  
Busco parar; parar um só instante!  
Mas a cruel, travando-me da dextra,  
Me faz cair mais fundo, e grita: «Avante!»

Porque escutar o trânsito das horas?  
Alguma delas trar-me-á conforto?  
Não! Esses golpes, que no bronze ferem,  
São pura mim como dobrar por morto.

«Morto!, morto!» me clama a consciência:  
Diz-mo este respirar rouco e profundo.  
Ai!, porque fremes, coração de fogo,  
Dentro de um seio corrompido e imundo?

Beber um ar diáfano e suave,  
Que renovou da tarde o brando vento,  
E convertê-lo, no aspirar contínuo,  
Em bafo apodrecido e peçonhento!

Estender para o amigo a mão mirrada,  
E ele negar a mão ao pobre amigo;  
Querer uni-lo ao seio descarnado,  
E ele fugir, temendo o seu perigo!

E ver após um dia ainda cem dias,  
Nus d'esperança, férteis de amargura;  
Socorrer-me ao porvir, e achá-lo um ermo,  
E só, bem lá no extremo, a sepultura!

Agora!... quando a vida me sorria:  
Agora!... que meu estro se acendera;  
Que eu me enlaçava a um mundo d'esperanças,  
Como se enlaça pelo choupo a hera,

Deixar tudo, e partir, sozinho e mudo;  
Varrer-me o nome escuro esquecimento:  
Não ter um eco de louvor, que afague  
Do desgraçado o humilde monumento!

Ó tu, sede de um nome glorioso,  
Que tão fagueiros sonhos me tecias,  
Fugiste, e só me resta a pobre herança  
De ver a luz do Sol mais alguns dias.

Vestem-se os campos do verdor primeiro:  
Já das aves canções no bosque ecoam:

Não para mim, que só escuto atento  
Funéreos dobres que no templo soam!

Eu que existo, e que penso, e falo, e vivo,  
Irei tão cedo repousar na terra?!  
Oh, meu Deus, oh, meu Deus!, um ano ao menos;  
Um louro só... e meu sepulcro cerra!

E tão bom respirar, e a luz brilhante  
Do sol oriental saudar no outeiro!  
Ai, na manhã saudá-la posso ainda;  
Mas será este Inverno o derradeiro!

Quando de pomos o vergel for cheio;  
Quando ondear o trigo na planura;  
Quando pender com áureo fruto a vide,  
Eu também penderei na sepultura.

Dos que me cercam no turbado aspecto,  
Na voz que prende desusado enleio,  
No pranto a furto, no fingido riso  
Fatal sentença de morrer eu leio.

Vistes vós criminoso, que hão lançado  
Seus juízes nos trances da agonia,  
Em oratório estreito, onde não entra  
Suavíssima luz do claro dia;

Diante a cruz, ao lado o sacerdote,  
O cadafalso, o crime, o algoz na mente,  
O povo tumultuando, o extremo arranco,  
E Céu, e Inferno, e as maldições da gente?

Se adormece, lá surge um pesadelo,  
Com os martírios da sua alma acorde;  
Desperta logo, e à terra se arremessa,  
E os punhos cerra, e delirante os morde.

Sobre as lájeas do duro pavimento  
De vergões e de sangue o rosto cobre.  
Ergue-se e escuta com cabelos hirtos  
Do sino ao longe o compassado dobre.

Sem esperança!...  
Não! Do cadafalso  
Sobe as escudas o perdão às vezes;  
Porém a mim... não me dirão: «És salvo!»  
E o meu suplício durará por meses.

Dizer posso: «Existi: que a dor conheço!»  
Do gozo a taça só provei por horas:  
E serei teu, calado cemitério,  
Que engenho, glória, amor, tudo devoras.

Se o furacão rugiu, e o débil tronco  
De árvore tenra espedaçou passando,  
Quem se doeu de a ver jazendo em terra?  
Tal é o meu destino miserando!

Númen de santo amor, mulher querida,  
Anjo do Céu, encanto da existência.

Ora por mim a Deus, que há-de escutar-te.  
Por ri me salve a mão da Providência.

Vem: aperta-me a dextra... Oh, foge, foge!  
Um beijo ardente aos lábios teus voara:  
E neste beijo venenoso a morte  
Talvez este infeliz só te entregara!

Se eu pudesse viver... como teus dias  
Cercaria de amor suave e puro!  
Como te fora plácido o presente;  
Quanto risonho o aspecto do futuro!

Porém, medonho espectro ante meus olhos,  
Como sombra infernal perpétuo ondeia,  
Bradando-me que vai partir-se o fio  
Com que da minha vida se urde a teia.

Entregue à sedução enquanto eu durmo,  
No turbilhão do mundo hei-de deixar-te!  
Quem velará por ti, pomba inocente?  
Quem do perjúrio poderá salvar-te?

Quando eu cerrar os olhos moribundos  
Tu verterás por mim pranto saudoso;  
Mas quem me diz que não virá o riso  
Banhar teu rosto triste e lacrimoso?

Ai, o extinto só herda o esquecimento!  
Um novo amor te agitará o peito:  
E a dura lájea cobrirá meus ossos  
Frios, despidos sobre térreo leito!...

Ó Deus, porque este cálix de agonia  
Até as bordas de amargor me encheste?  
Se eu devia acabar na juventude,  
Porque ao mundo e a seus sonhos me prendeste?

Virgem do meu amor, porque perdê-la?  
Porque entre nós a campa há-de assentar-se?  
Tua suprema paz com gozo ou dores  
Do mortal, que em ti crê, pode turbar-se?

Não haver quem me salve! e vir um dia  
Em que de minha o nome ainda lhe desse!  
Então, Senhor, o umbral da eternidade,  
Talvez sem um queixume, transpusesse.

Mas, qual flor em botão pendida e murcha,  
Sem de fragrâncias perfumar a brisa,  
Eu poeta, eu amante, ir esconder-me  
Sob uma lousa desprezada e lisa!

Porquê? Qual foi meu crime, ó Deus terrível?  
Em te adorar que fui, senão insano?...  
O teu fatal poder hoje maldigo!  
O que te chama pai, mente: és tirano.

E se aos pés de teu trono os ais não chegam;  
Se os gemidos da terra os ares somem;  
Se a Providência é crença vã, mentida,

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

